

The background of the cover is a solid orange color. Overlaid on this are faint, light-colored line drawings of archaeological site plans. These plans show various building footprints, walls, and courtyards, typical of ancient or medieval settlements. A prominent white curved line, resembling a stylized 'C' or a section of a circle, cuts across the middle of the page, separating the title area from the lower part of the cover.

ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2023 – Estado da Questão



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, César Neves e Andrea Martins
Design gráfico e paginação: Paulo Freitas

ISBN: 978-972-9451-98-0

Edição: Associação dos Arqueólogos Portugueses, CEAACP, CEIS2o e IA-FLUC
Lisboa, 2023

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Desenho de capa:

Planta das ruínas de Conímbriga. © Museu Nacional de Conímbriga



Apoio Institucional:



Índice

- 15 Prefácio
José Morais Arnaud
- 1. Pré-História**
- 19 O potencial informativo dos *Large Cutting Tools*: o caso de estudo da estação paleolítica do Casal do Azemel (Leiria, Portugal)
Carlos Ferreira / João Pedro Cunha-Ribeiro / Eduardo Méndez-Quintas
- 33 PaleoTejo – Uma rede de trabalho para a investigação e para o património relacionado com os Neandertais e pré-Neandertais
Telmo Pereira / Luís Raposo / Silvério Figueiredo / Pedro Proença e Cunha / João Caninas / Francisco Henriques / Luiz Oosterbeek / Pierluigi Rosina / João Pedro Cunha-Ribeiro / Cristiana Ferreira / Nelson J. Almeida / António Martins / Margarida Salvador / Fernanda Sousa / Carlos Ferreira / Vânia Pirata / Sara Garcês / Hugo Gomes
- 45 A indústria lítica de malhadinhas e o seu enquadramento no património acheulense do vale do Tejo
Vânia Pirata / Telmo Pereira / José António Pereira
- 61 O Abrigo do Lagar Velho revisitado
Ana Cristina Araújo / Ana Maria Costa / Montserrat Sanz / Armando Lucena / Joan Daura
- 75 Contributo para o conhecimento das indústrias líticas pré-históricas do litoral de Esposende (NW de Portugal)
Sérgio Monteiro-Rodrigues
- 95 À volta da fogueira na pré-história: análise às estruturas de combustão do Sul de Portugal – a Praia do Malhão (Odemira)
Ana Rosa
- 105 O projecto LandCraft. A intervenção arqueológica no abrigo das Lapas Cabreiras
João Muralha Cardoso / Mário Reis / Bárbara Carvalho / Lara Bacelar Alves
- 119 A ocupação pré-histórica de Monte Novo: local de culto e de habitat
Mário Monteiro / Anabela Joaquineto
- 135 A formalização de espaços públicos durante o Calcolítico no Alto Douro Português: as Grandes Estruturas Circulares do Castanheiro do Vento (V. N. de Foz Côa)
Ana Vale / João Muralha Cardoso / Sérgio Gomes / Vítor Oliveira Jorge
- 149 Em busca da colecção perdida (1): Vila Nova de São Pedro no Museu Municipal de Vila Franca de Xira
César Neves / José Morais Arnaud / Andrea Martins / Mariana Diniz
- 167 De casa em casa: novos dados sobre o sítio pré-histórico do Rio Seco/Boa-Hora (Ajuda, Lisboa)
Regis Barbosa
- 179 Um contributo para o estudo das Pontas Palmela das «Grutas de Alcobaça»
Michelle Teixeira Santos / Cátia Delicado / Isabel Costeira
- 195 Monte da Ponte (Évora): Um cruzamento entre o positivo e o negativo?
Inês Ribeiro
- 203 Peças antropomórficas da necrópole megalítica de Alto de Madorras. Abordagem preliminar ao seu estudo e valorização no âmbito do Projecto TSF – Murça
Maria de Jesus Sanches / Maria Helena Barbosa / Nuno Ramos / Joana Castro Teixeira / Miguel Almeida

- 219 Apontamentos sobre o monumento megalítico da Bouça da Mó 2, Balugães, Barcelos (Noroeste de Portugal)
Luciano Miguel Matos Vilas Boas
- 227 A Mamoa 1 do Crasto, Vale de Cambra. Um monumento singular
Pedro Manuel Sobral de Carvalho
- 241 À conversa com os ossos: População do Neolítico Final/Calcolítico da Lapa da Bugalheira, Torres Novas
Helena Gomes, Filipa Rodrigues, Ana Maria Silva
- 253 Dos ossos, cacos, pedras e terra à leitura detalhada das práticas funerárias no 3º milénio a.C.: o caso do Hipogeu I do Monte do Carrascal 2 (Ferreira do Alentejo, Beja)
Maria João Neves
- 267 Os sepulcros da Pré-História recente da Quinta dos Poços (Lagoa): contextos e cronologias
António Carlos Valera / Lucy Shaw Evangelista / Catarina Furtado / Francisco Correia
- 285 Quinta dos Poços (Lagoa): Dados biológicos e práticas funerárias dos Sepulcros da Pré-História Recente
Lucy Shaw Evangelista / Eduarda Silva / Sofia Nogueira / António Carlos Valera / Catarina Furtado / Francisco Correia
- 299 Everything everywhere? Definitely not all at once. Uma aproximação inicial às práticas de processamento de macrofaunas da Pré-História recente do Centro e Sul de Portugal
Nelson J. Almeida / Catarina Guinot / António Diniz
- 313 Um sítio, duas paisagens: a exploração de recursos vegetais durante o Mesolítico e a Idade do Bronze na Foz do Medal (Baixo Sabor, Nordeste de Portugal)
João Pedro Tereso / María Martín Seijo / Rita Gaspar
- 327 Análise isotópica estável ($\Delta^{13}C$) em sedimentos de sítios arqueológicos
Virgínia Lattao / Sara Garcês / Hugo Gomes / Maria Helena Henriques / Elena Marrocchino / Pierluigi Rosina / Carmela Vaccaro
- 333 Sobre a presença de sílex na Praia das Maças (Sintra)
Patrícia Jordão / Nuno Pimentel
- 345 Lost & Found. Resultados dos trabalhos de prospecção arqueológica realizados no vale do Carvalhal de Aljubarrota (Alcobaça, Leiria)
Cátia Delicado / Leandro Borges / João Monte / Bárbara Espírito Santo / Jorge Lopes / Inês Sofia Silva
- 357 Análise dos padrões de localização das grutas arqueológicas da Arrábida
João Varela / Nuno Bicho / Célia Gonçalves
- 365 Novos testemunhos de ocupação pré-histórica na área da ribeira de Santa Margarida (Alto Alentejo): notícia preliminar
Ana Cristina Ribeiro

2. Proto-História

- 377 Dinâmicas de Povoamento durante a Idade do Bronze no Centro da Estremadura Portuguesa: O Litoral Atlântico Entre as Serras d'Aires e Candeeiros e de Montejunto
Pedro A. Caria
- 389 Novos dados sobre os povoados do Bronze Final dos Castelos (Beja) e Laço (Serpa) no âmbito do Projeto Odyssey. Contributos a partir de um levantamento drone-LiDAR
Miguel Serra / João Fonte / Tiago do Pereiro / Rita Dias / João Hipólito / António Neves / Luís Gonçalves Seco
- 401 Metais do Bronze Final no Ocidente Ibérico. O caso dos machados de alvado a sul do rio Tejo
Marta Gomes / Carlo Bottaini / Miguel Serra / Raquel Vilaça
- 411 Dois Sítios, um ponto de situação. Primeiros resultados dos trabalhos nos Castros de Ul e Recarei em 2022
João Tiago Tavares / Adriaan de Man

- 425 Reflexões acerca dos aspetos técnicos e tecnológicos dos artefactos de ferro do Bronze Final / Ferro Inicial no território português
Pedro Baptista / Ralph Araque Gonzalez / Bastian Asmus / Alexander Richter
- 439 Resumo de resultados do projeto IberianTin (2018-22) e resultados iniciais do projeto Gold. PT (2023-)
Elin Figueiredo / João Fonte / Emmanuelle Meunier / Sofia Serrano / Alexandra Rodrigues
- 451 À volta da Pedra Formosa. Estudo do Balneário Este da Citânia de Briteiros
Gonçalo Cruz
- 463 Intercâmbio no primeiro milénio A.C., no litoral, entre os estuários dos rios Cávado e Ave
Nuno Oliveira
- 481 Castro de Guifões: elementos para a reconstituição paleogeográfica e compreensão da ocupação antiga do sítio
Andreia Arezes / Miguel Almeida / Alberto Gomes / José Varela / Nuno Ramos / André Ferreira / Manuel Sá
- 493 O Castro da Madalena (Vila Nova de Gaia) no quadro da ocupação proto-histórica da margem esquerda do Douro
Edite Martins de Sá / António Manuel S.P. Silva
- 507 Uma cabana com vista para o rio, no Sabugal da Idade do Ferro
Inês Soares / Paulo Pernadas / Marcos Osório
- 519 Cerca do Castelo de Chão do Trigo (S. Pedro do Esteval, Proença-a-Nova): resultados de três campanhas de escavações (2017-2019)
Paulo Félix
- 533 Instrumentos e artes de pesca no sítio proto-histórico de Santa Olaia (Figueira da Foz)
Sara Almeida / Raquel Vilaça / Isabel Pereira
- 549 Sobre a influência da cerâmica grega nas produções de cerâmica cinzenta do estuário do Tejo: um vaso emblemático encontrado nas escavações arqueológicas do Largo de Santa Cruz (Lisboa)
Elisa de Sousa / Sandra Guerra / João Pimenta / Roshan Paladugu
- 563 *To buy fine things*: trabalhos e perspectivas recentes sobre o consumo de importações mediterrâneas no Sul de Portugal durante o I milénio a.n.e.
Francisco B. Gomes
- 575 Arquitecturas orientais em terra na fronteira atlântica: novas abordagens do Projecto #BuildinginNewLands
Marta Lorenzon / Benjamín Cutillas-Victoria / Elisa Sousa / Ana Olaio / Sara Almeida / Sandra Guerra
- 585 Frutos, cultivos e madeira no Castro de Alvarelhos: a arqueobotânica do projeto CAESAR
Catarina Sousa / Filipe Vaz / Daniela Ferreira / Rui Morais / Rui Centeno / João Tereso

3. Antiguidade Clássica e Tardia

- 599 A propósito de machados polidos encontrados em sítios romanos do território português e a crença antiga nas “pedras de raio”
Fernando Coimbra
- 611 Unidades Organizativas e Povoamento no Extremo Ocidental da *Civitas* Norte-Lusitana dos *interannienses*: um ensaio
Armando Redentor / Alexandre Canha
- 625 As Termas Romanas da Quinta do Ervedal (Castelo Novo, Fundão)
Joana Bizarro
- 633 Paisagem rural, paisagem local: os primeiros resultados arqueológicos e arqueobotânicos do sítio da Terra Grande (*civitas Igaeditanorum*)
Sofia Lacerda / Filipe Vaz / Cláudia Oliveira / Luís Seabra / João Tereso / Ricardo Costeira da Silva / Pedro C. Carvalho

- 649 Recontextualização dos vestígios arqueológicos do *forum* de Coimbra. Uma leitura a partir da comparação tipo-morfológica
Pedro Vasco de Melo Martins
- 665 Sítio do Antigo (Torre de Vilela, Coimbra): uma possível *villa* suburbana de *Aeminium*
Rúben Mendes / Raquel Santos / Carmen Pereira / Ricardo Costeira da Silva
- 679 A fachada norte da Casa dos Repuxos (Conímbriga): resultados das campanhas de 2021 e 2022
Ricardo Costeira da Silva / José Ruivo / Vítor Dias
- 693 Intervenções Arqueológicas em Condeixa-a-Velha no âmbito das acções do Movimento para a Promoção da Candidatura de Conímbriga a Património Mundial da Unesco
Pedro Peça / Miguel Pessoa / Pedro Sales / João Duarte / José Carvalho / Fernando Figueiredo / Flávio Simões
- 707 O sítio arqueológico de São Simão, Penela
Sónia Vicente / Flávio Simões / Ana Luísa Mendes
- 723 O sítio arqueológico da Telhada (Vermoil, Pombal)
Patrícia Brum / Mariana Nabais / Margarida Figueiredo / João Pedro Bernardes
- 731 *Górgona* – um *corpus* de *opus sectile* na Lusitânia
Carolina Grilo / Lídia Fernandes / Patrícia Brum
- 741 *Villa* romana da Herdade das Argamassas. Delta, motivo de inspiração secular. Do mosaico ao café
Vítor Dias / Joaquim Carvalho / Cornelius Meyer
- 755 A Antiguidade Tardia no Vale do Douro: o exemplo de Trás do Castelo (Vale de Mir, Pegarinhos, Alijó)
Tony Silvino / Pedro Pereira / Rodolphe Nicot / Laudine Robin / Yannick Teyssonneyre
- 771 A Arqueologia Urbana em Braga: oportunidades e desafios. O caso de estudo da rua Nossa Senhora do Leite, n.ºs 8/10
Fernanda Magalhães / Luís Silva / Letícia Ruela / Diego Machado / Lara Fernandes / Eduardo Alves / Manuela Martins / Maria do Carmo Ribeiro
- 785 Balneário romano de São Vicente (Penafiel): projeto de revisão das estruturas construídas e do contexto histórico-arqueológico do sítio
Silvia González Soutelo / Teresa Soeiro / Juan Diego Carmona Barrero / Jorge Sampaio / Helena Bernardo / Claus Seara Erwelein
- 801 Um contexto cerâmico tardo-antigo da Casa do Infante (Porto)
João Luís Veloso / Paulo Dordio Gomes / Ricardo Teixeira / António Manuel S. P. Silva
- 815 Trabalhos arqueológicos no Patarinho (Santa Comba Dão, Viseu): caracterização de uma pequena área de produção vinícola no vale do Dão em época alto-imperial
Pedro Matos / João Losada
- 831 Sobre a ocupação tardia da *villa* da Quinta da Bolacha – estudo de um contexto de ocupação da casa romana
Vanessa Dias / Gisela Encarnação / João Tereso
- 843 Os materiais do sítio romano de Eira Velha (Miranda do Corvo) como índice cronológico das suas fases de construção
Inês Rasteiro / Ricardo Costeira da Silva / Rui Ramos / Inês Simão
- 859 Cerâmica de importação em *Talabriga* (Cabeço do Vouga, Águeda)
Diana Marques / Ricardo Costeira da Silva
- 873 Revisão dos objetos ponderais recuperados na antiga *Conimbriga* (Condeixa-a-Nova, Coimbra)
Diego Barrios Rodríguez / Cruces Blázquez Cerrato
- 885 O conjunto de pesos de tear do sítio romano de Almoínhas
Martim Lopes / Paulo Calaveiras / José Carlos Quaresma / Joel Santos

- 901 *A terra sigillata* e a cerâmica de cozinha africana na cidade de Lisboa no quadro do comércio do ocidente peninsular – O caso do edifício da antiga Sede do Banco de Portugal
Ana Beatriz Santos
- 915 Análise (im)possível dos espólios arqueológicos do sítio do Mascarro (Castelo de Vide, Portugal)
Sílvia Monteiro Ricardo
- 931 Reconstruindo a paisagem urbana de Braga desde a sua fundação até à cidade medieval: as ruas como objeto de estudo
Leticia Ruela / Fernanda Magalhães / Maria do Carmo Ribeiro
- 941 A dinâmica viária no vale do Rabagão: a via XVII e o contributo dos itinerários secundários
Bruno Dias / Rebeca Blanco-Rotea / Fernanda Magalhães
- 953 Resultados das leituras geofísicas de Monte dos Castelinhos, Vila Franca de Xira
João Pimenta / Tiago do Pereiro / Henrique Mendes / André Ferreira
- 965 *Loca sacra*: Para uma topografia dos lugares simbólicos no atual Alentejo em época romana
António Diniz
- 977 Mosaicos da área de influência de *Pax Ivlia*
Maria de Fátima Abraços / Licínia Wrench
- 993 A exploração de pedras ornamentais na Lusitânia: Primeiros dados de um estudo em curso
Gil Vilarinho

4. Época Medieval

- 1009 A necrópole da Alta Idade Média do Castro de São Domingos (Lousada, Portugal)
Paulo André Pinho Lemos / Manuel Nunes / Bruno M. Magalhães
- 1025 A transformação e apropriação do espaço pelos edifícios rurais, entre a Antiguidade Tardia e a Idade Média, no troço médio do vale do Guadiana (Alentejo, Portugal)
João António Ferreira Marques
- 1037 A reconfiguração do espaço rural na Alta Idade Média. Análise dos marcadores arqueológicos no Alto Alentejo
Rute Cabriz / Sara Prata
- 1047 O Castelo de Vale de Trigo (Alcácer do Sal): dados das intervenções arqueológicas
Marta Isabel Caetano Leitão
- 1061 Convento de Nossa Senhora do Carmo de Moura, um conjunto de silos medievais islâmicos: dados preliminares de uma das sondagens arqueológicas de diagnóstico
Vanessa Gaspar / Rute Silva
- 1075 Potes meleiros islâmicos – Contributo para o estudo da importância do mel na Idade Média
Rosa Varela Gomes
- 1085 Luxos e superstições – registos de espólio funerário e outras materialidades nas necrópoles islâmicas no Gharb al-Andalus
Raquel Gonzaga
- 1097 A Necrópole Islâmica do Ribat do Alto da Vigia, Sintra
Alexandre Gonçalves / Helena Catarino / Vânia Janeirinho / Filipa Neto / Ricardo Godinho
- 1115 O inédito pavimento Cisterciense da cidade de Évora
Ricardo D'Almeida Alves de Morais Sarmento
- 1129 Do solo para a parede: a intervenção arqueológica no Pátio do Castilho n.º 37-39 e a(s) Torre(s) de Almedina da muralha(s) de Coimbra
Susana Temudo

- 1145 Utensílios cerâmicos de uma cozinha medieval islâmica no espaço periurbano de al-Ushbuna (1ª metade do séc. XII)
Jorge Branco / Rodrigo Banha da Silva
- 1159 O convento de S. Francisco de Real na definição da paisagem monástico-conventual de Braga, entre a Idade Média e a Idade Moderna
Francisco Andrade
- 1169 “Ante o cruzeiro jaz o mestre”: resultados preliminares da escavação do panteão da Ordem de Santiago (séculos XIII – XVI) localizado no Santuário do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal)
Ana Rita Balona / Liliana Matias de Carvalho / Sofia N. Wasterlain
- 1181 Produções cerâmicas da Braga medieval: cultura e agência material
Diego Machado / Manuela Martins
- 1197 Agricultura e paisagem em Santarém entre a Antiguidade Tardia e o Período Islâmico a partir das evidências arqueobotânicas
Filipe Vaz / Luís Seabra / João Tereso / Catarina Viegas / Ana Margarida Arruda

5. Época Moderna

- 1215 A necrópole medieval e moderna de Benavente: resultados de uma intervenção de Arqueologia Preventiva
Joana Zuzarte / Paulo Félix
- 1229 Rua da Judiaria – Castelo de Vide: Aspetos gerais da intervenção arqueológica na eventual Casa do Rabino
Tânia Maria Falcão / Heloísa Valente dos Santos / Susana Rodrigues Cosme
- 1239 A coleção de estanho de Esposende
Elisa Maria Gomes da Torre e Frias-Bulhosa
- 1253 *Três barris num campo de lama*: dados preliminares para o estudo da vitivinicultura na cidade de Aveiro no período moderno
Diana Cunha / Susana Temudo / Pedro Pereira
- 1269 Aveiro como centro produtor de cerâmica: os vestígios da oficina olárica identificada na Rua Capitão Sousa Pizarro
Vera Santos / Sónia Filipe / Paulo Morgado
- 1283 A Casa Cordovil: contributo para o conhecimento de Évora no Período Moderno
Leonor Rocha
- 1295 Reconstruir a Cidade: o pré e o pós-terramoto na Rua das Escolas Gerais, nº 61 (Lisboa)
Susana Henriques
- 1305 Lazareto, fortaleza e prisão: arqueologia do Presídio da Trafaria (Almada)
Fabián Cuesta-Gómez / Catarina Tente / Sérgio Rosa / André Teixeira / Francisca Alves Cardoso / Sílvia Casimiro
- 1319 Conhecer o quotidiano do Castelo de Palmela entre os séculos XV e XVIII através dos artefactos metálicos em liga de cobre
Luís F. Pereira
- 1331 Um forno de cerâmica do início da Época Moderna na Rua Edmond Bartissol, Setúbal
Victor Filipe / Eva Pires / Anabela Castro
- 1341 A necrópole da Igreja Velha do Peral (Proença-a-Nova)
Anabela Joaquineto / Francisco Henriques / Francisco Curate / Carla Ribeiro / Nuno Félix / Fernando Robles Henriques / João Caninas / Hugo Pires / Paula Bivar de Sousa / Carlos Neto de Carvalho / Isabel Gaspar / Pedro Fonseca
- 1357 A materialização da morte em Bucelas entre os séculos XV e XIX. Rituais, semiótica e simbologias
Tânia Casimiro / Dário Ramos Neves / Inês Costa / Florbela Estevão / Nathalie Antunes-Ferreira / Vanessa Filipe

- 1369 Ficam os ossos e ficam os anéis: objetos de adorno e de crença religiosa da necrópole do Convento dos Lóios, Lisboa
João Miguez / Marina Lourenço
- 1379 “Não ha sepultura onde se não tenham enterrado mais de dez cadáveres”: as valas comuns de época moderna da necrópole do Hospital dos Soldados (Castelo de São Jorge, Lisboa), uma prática funerária de recurso
Carina Leirião / Liliana Matias de Carvalho / Ana Amarante / Susana Henriques / Sofia N. Wasterlain
- 1391 Estudo tafonómico de uma coleção osteológica proveniente da Igreja da Misericórdia em Almada
Maria João Rosa / Francisco Curate
- 1403 Variabilidade formal e produtiva da cerâmica moderna na cidade de Braga: estudo de caso
Lara Fernandes / Manuela Martins / Maria do Carmo Franco Ribeiro
- 1415 Representações femininas na faiança portuguesa de Santa Clara-a-Velha: desigualdade, subalternização, emancipação
Inês Almendra Castro / Tânia Manuel Casimiro / Ricardo Costeira da Silva
- 1427 Poder, família, representação: a heráldica na faiança de Santa Clara-a-Velha
Danilo Cruz / Tânia Casimiro / Ricardo Costeira da Silva
- 1437 A Chacota de Faiança a uso e o significado social do seu consumo em Lisboa, nos meados-finais do século XVII: a amostragem do Hospital dos Pescadores e Mareantes de Alfama
André Bargão / Sara da Cruz Ferreira / Rodrigo Banha da Silva
- 1445 Algumas considerações sobre os artefactos em ligas metálicas descobertos no Palácio Sant’Anna em Carnide, Lisboa
Carlos Boavida / Mário Monteiro
- 1461 Os cachimbos cerâmicos dos séculos XVII e XVIII do Palácio Almada-Carvalhais (Lisboa)
Sara da Cruz Ferreira / André Bargão / Rodrigo Banha da Silva / Tiago Nunes
- 1469 Tróia fumegante. Os cachimbos cerâmicos modernos do sítio arqueológico de Tróia
Miguel Martins de Sousa / Tânia Manuel Casimiro / Filipa Araújo dos Santos / Mariana Nabais / Inês Vaz Pinto
- 1483 Um copo para muitas garrafas. Algumas palavras sobre um conjunto de vidros modernos e contemporâneos encontrados na Praia da Alburrica (Barreiro)
Carlos Boavida / António González
- 1495 *A Gran Principessa di Toscana*, um naufrágio do século XVII no Cabo Raso (Cascais)
Sofia Simões Pereira / Francisco Mendes / Marco Freitas
- 1503 Condições ambientais e contexto arqueológico na margem estuarina de Lisboa: dados preliminares da sondagem ESSENTIA (Av. 24 de Julho | Rua Dom Luís I)
Margarida Silva / Ana Maria Costa / Maria da Conceição Freitas / José Bettencourt / Inês Mendes da Silva / Tiago Nunes / Mónica Ponce / Jacinta Bugalhão
- 1517 Evolução ambiental do estuário do Rio Cacheu, Guiné-Bissau: dados preliminares
Rute Arvela, Ana Maria Costa, Maria da Conceição Freitas, Rui Gomes Coelho
- 1525 Extrair informação cultural de madeiras náuticas: uma experiência em Lisboa
Francisco Mendes / José Bettencourt / Marco Freitas / Sofia Simões Pereira
- 1535 Ferramentas, carpinteiros e calafates a bordo da fragata *Santo António de Taná* (Mombaça, 1697)
Patrícia Carvalho / José Bettencourt
- 1547 Parede 1, Carcavelos 12 e Carcavelos 13: três naufrágios da Guerra Peninsular?
José Bettencourt / Augusto Salgado / António Fialho / Jorge Freire
- 1555 Estudo zooarqueológico e tafonómico de um silo de época moderno-contemporânea da Casa Cordovil, Évora
Catarina Guinot / Nelson J. Almeida / Leonor Rocha

- 1569 Uma aproximação à Arqueologia de Paisagem: a paisagem fluvial e as dimensões da sua exploração, comunicação e ocupação
Patrícia Alho / Vanda Luciano
- 1575 Dos Arquivos ao Trabalho de Campo: o Estudo da Fortaleza de Santa Catarina de Ribamar (Portimão)
Bruna Ramalho Galamba
- 1583 Palácio Vaz de Carvalho, a diacronia de um sítio: da Pré-História à Contemporaneidade
Anabela Sá / Inês Mendes da Silva
- 1595 *Um olhar sobre o passado*: apresentação dos resultados de uma intervenção arqueológica na Figueira da Foz
Bruno Freitas / Sérgio Gonçalves / André Donas-Botto
- 1607 Todos os metros contam, 200 mil anos num quarteirão? O caso das Olarias de Leiria
Ana Rita Ferreira / André Donas-Botto / Cláudia Santos / Luís Costa

6. Época Contemporânea

- 1625 Navios de ferro: contributos para uma abordagem arqueológica aos naufrágios de Idade Contemporânea em Portugal
Marco Freitas / Francisco Mendes / Sofia Simões Pereira
- 1637 *Das peles e dos rebites*: o processo de inventariação arqueológica da Central do Biel e da Fábrica de Curtumes do Granjo (Vila Real)
Pedro Pereira / Fernando Silva
- 1649 Seminário Maior de Coimbra: o contributo da arqueologia num espaço em reabilitação
Constança dos Santos / Sónia Filipe / Paulo Morgado / Gina Dias
- 1663 Paradigmas de Preservação e Valorização do Património Monumental nas Linhas de Torres Vedras. Abordagem às intervenções realizadas no Forte da Archeira (Torres Vedras), no Forte 1.º de Suberra e na Bateria Nova de Suberra (Vila Franca de Xira)
João André Perpétuo / Miguel Martins de Sousa / João Ramos
- 1677 Pavimentos em mós na arquitetura saloia: novos dados na Amadora
Nuno Dias / Catarina Bolila / Vanessa Dias / Gisela Encarnação
- 1685 O Tejo e a industrialização: como Lisboa “invadiu” o rio no século XIX
Inês Mendes da Silva
- 1695 As Alcaçarias do Duque. A redescoberta dos últimos banhos públicos de Alfama
Filipe Santos
- 1709 Memorial da Serralharia – Arqueologia do Passado Recente no Hospital de São José
João Sequeira / Carlos Boavida / Afonso Leão
- 1723 *kana, fornadja y kumunidadi*: Um caso de estudo da produção e transformação da cana sacarina na Ribeira dos Engenhos (Ilha de Santiago)
Nireide Pereira Tavares
- 1735 Personagens Escondidas: À procura das emoções esquecidas das mulheres na indústria portuguesa. Uma análise arqueológica através de novas materialidades
Susana Pacheco / Joel Santos / Tânia Manuel Casimiro
- 1747 Sós mas não Esquecidos. Por uma Arqueologia da Solidão
Joel Santos / Susana Pacheco

7. Arte Rupestre

- 1761 O projeto First-Art (*Extension*): determinação cronológica e caracterização dos pigmentos nas fases iniciais da Arte Rupestre Paleolítica
Sara Garcês / Hipólito Collado / Hugo Gomes / Virginia Lattao / George Nash / Hugo Mira Perales / Diego Fernández Sánchez / José Julio García Arranz / Pierluigi Rosina / Luiz Oosterbeek

- 1771 Mais perto da conclusão: novo ponto da situação da prospecção e inventário da arte rupestre do Côa
Mário Reis
- 1787 Propostas metodológicas para a conservação dos sítios com Pinturas Rupestres da Pré-História recente no Vale do Côa
Vera Moreira Caetano / Fernando Carrera / Lara Bacelar Alves / António Batarda Fernandes / Teresa Rivas / José Santiago Pozo-Antonio
- 1801 Alguma cor num fundo de gravura: principais conjuntos da pintura pré-histórica do Vale do Côa
Lara Bacelar Alves / Andrea Martins / Mário Reis
- 1815 Desde a crista, olhando para o Tejo – os abrigos com pintura esquemática do Pego da Rainha (Mação, Portugal)
Andrea Martins
- 1841 Gravuras rupestres da rocha 2 da Lomba do Carvalho (Almaceda, Castelo Branco).
Informação empírica e hipóteses interpretativas
Mário Varela Gomes
- 1859 Um novo olhar sobre as gravuras de labirintos: o caso do Castelinho (Torre de Moncorvo, Portugal)
Andreia Silva / Sofia Figueiredo-Persson / Elin Figueiredo
- 1875 Os seixos incisos da Idade do Ferro de São Cornélio (Sabugal, Alto Côa)
Luís Luís / Marcos Osório / André Tomás Santos / Anna Lúcia Vitale / Raquel Vilaça
- 1891 Entre topónimos e lendas. Explicações das sociedades rurais para o fenómeno podomórfico do nordeste de Trás-os-Montes
José Moreira
- 1905 Os grafitos molinológicos ou a realidade (in)visível das moagens hidráulicas tradicionais: resultados da aplicação de um inédito roteiro metodológico (Lousada, Norte de Portugal)
Manuel Nunes / Paulo André P. Lemos

8. Arqueologia Pública, Comunicação e Didática

- 1923 Património Mundial e Valor Social: Uma Investigação sobre os Sítios Pré-históricos de Arte Rupestre do Vale do Rio Côa e de Siega Verde
José Paulo Francisco
- 1931 Parque Arqueosocial do Andakatu em Mação. Boas práticas para a sustentabilidade e disseminação do conhecimento científico
Hugo Gomes / Sara Garcês / Luiz Oosterbeek / Pedro Cura / Anabela Borralheiro / Rodrigo Santos / Sandra Alexandre
- 1943 Vila Nova de São Pedro e a Arqueologia Pública – a consolidação de um projecto através dos agentes da sua história
José M. Arnaud / Andrea Martins / César Neves / Mariana Diniz
- 1963 O Monumento Pré-histórico da Praia das Maças (Sintra): atividades de divulgação e educação patrimonial realizadas no âmbito das recentes escavações arqueológicas
Eduardo Porfírio / Catarina Costeira / Teresa Simões
- 1979 A Idade do Bronze como ferramenta de Educação e Divulgação em Arqueologia – O Projeto Outeiro do Circo 2022-2023
Sofia Silva / Eduardo Porfírio / Miguel Serra
- 1993 Arqueologia Pública: a Festa da Arqueologia como caso de estudo
Carla Quirino / Andrea Martins / Mariana Diniz
- 2013 Open House Arqueologia – a aproximação da disciplina científica aos cidadãos
Lídia Fernandes / Carolina Grilo / Patrícia Brum
- 2025 “Cada cavadeira sua minhoca”: Arqueologia Pública e Comunicação através do caso de estudo do Largo do Coreto e envolvente em Carnide (Lisboa)
Ana Caessa / Nuno Mota

- 2037 Grupo CIGA: comunicar e divulgar a cerâmica islâmica
Isabel Inácio / Jaquelina Covaneiro / Isabel Cristina Fernandes / Sofia Gomes / Susana Gómez / Maria José Gonçalves / Marco Liberato / Gonçalo Lopes / Constança Santos / Jacinta Bugalhão / Helena Catarino / Sandra Cavaco
- 2047 O Forte de São João Batista da Praia Formosa: a recuperação virtual e a reconstrução da memória
Diogo Teixeira Dias / Sérgio Gonçalves
- 2059 Entre a Universidade e a profissão: A experiência de um Estágio Curricular narrada na primeira pessoa
Mariana Santos
- 2069 A Arqueologia e os seus Públicos: relação dos Arqueólogos com os outros Cidadãos no âmbito da Contemporaneidade
Florbel Estêvão / Vítor Oliveira Jorge
- 2079 Arqueologia e Comunicação na era da Big Data: do sítio arqueológico ao registo de monumentos e paisagens. Será este um dia FAIR?
Ariele Câmara / Ana de Almeida / João Oliveira / Daniel Marçal
- 2091 Exposição de Arte-Arqueologia: Artefactos do Descarte
Pedro da Silva / Inês Moreira

9. Historiografia e Teoria

- 2103 Pré-História e “Antropologia Cultural”: repensar esta interface
Vítor Oliveira Jorge
- 2115 “Onde está o Wally?” Representações de mulheres nos museus de Pré-História
Sara Brito
- 2125 “Criei o hábito de geralmente ignorar”: sexismo, assédio e abuso sexual em Arqueologia
Liliana Matias de Carvalho / Sara Simões / Sara Brito / Jacinta Bugalhão / Miguel Rocha / Mauro Correia / Regis Barbosa / Raquel Gonzaga
- 2137 O ensino da Arqueologia em Portugal
Jacinta Bugalhão
- 2149 O Grupo Pró-Évora e o curso de arqueologia de 1968: uma primeira aproximação ao tema
Ana Cristina Martins
- 2161 Andanças na Arqueologia Urbana da Cidade de Coimbra: Um Historial de Duas Décadas do Processo Metro Mondego
António Batarda Fernandes
- 2177 Peixes de Água Doce e Migradores de Portugal: Sistematização da Informação Zooarqueológica
Miguel Rodrigues / Filipe Ribeiro / Sónia Gabriel
- 2191 Extração de Conhecimento em Arqueologia: primeiros resultados da aplicação a dados portugueses
Ivo Santos
- 2199 A Igreja do Carmo de Lisboa: um exemplo de arqueologia vertical com 600 anos
Célia Nunes Pereira

10. Gestão, Valorização e Salvaguarda do Património

- 2215 A simplificação legislativa e os desafios à atividade arqueológica
Gertrudes Branco
- 2223 IPA / IGESPAR, IP / DGPC – Extensão de Torres Novas: 25 anos
Sandra Lourenço / Gertrudes Zambujo / Cláudia Manso
- 2239 O futuro do Património Arqueológico Subaquático: Uma perspetiva através do ensino
Adolfo Silveira Martins / Alexandra Figueiredo / Cláudio Monteiro / Adolfo Miguel Martins

- 2245 **Recomendações de Boas-Práticas em Arqueologia de Ambientes Húmidos**
Ana Maria Costa / Cândida Simplício / Cristóvão Fonseca / Jacinta Bugalhão / João Pedro Tereso / José Bettencourt / José António Gonçalves / Miguel Lago / Pedro Barros / Rodrigo Banha da Silva
- 2261 **A inventariação e georreferenciação do Património Cultural Marítimo no *Endovéllico***
Pedro Barros / Jacinta Bugalhão / Gonçalo C. Lopes / Cristóvão Fonseca / Pedro Caleja / Filipa Bragança / Sofia Pereira / Ana Sofia Gomes
- 2273 **A piroga monóxila Lima 7 e os desafios que o rio nos apresenta**
José António Gonçalves / João Marrocano
- 2291 **A paisagem marítima do litoral do Minho. Uma primeira aproximação à paisagem económica de Viana do Castelo**
Tiago Silva
- 2301 **O projeto TURARQ – Turismo Arqueológico para a compreensão da cultura e das interações ambientais**
Hugo Gomes / Sara Garcês / Marco Martins / Anícia Trindade / Douglas O. Cardoso / Eduardo Ferraz / Luiz Oosterbeek
- 2307 **Tecnologias de Detecção Remota aplicadas ao Descritor do Património: da prática à reflexão**
Gabriel Pereira / Nuno Barraca / Mauro Correia / Gustavo Santos
- 2321 **Procedimentos a adotar na manipulação de materiais arqueológicos para análises de resíduos orgânicos: as práticas instituídas e os equívocos**
César Oliveira
- 2331 **Arqueologia da Arquitetura aplicada ao estudo dos espaços construídos: uma metodologia de análise**
Eduardo Alves / Rebeca Blanco-Rotea
- 2343 **Almada Velha: um projeto municipal de gestão arqueológica**
André Teixeira / Sérgio Rosa / Telmo António / Rodrigo Banha da Silva / João Gonçalves Araújo / Eva Pires / Beatriz Calapez Santos / Fátima Alves / Francisco Curate / Leonor Medeiros / Joana Esteves / Alexandra P. Rodrigues / André Bargão / Joana Mota
- 2357 **Um projeto de Arqueologia atlântica: a ERA na Madeira**
Arlette Figueira / Miguel Lago
- 2365 **Abordagens Interdisciplinares para o Estudo Histórico e Arqueológico do Património Têxtil: Experiências e Perspetivas da Ação COST EuroWeb**
Catarina Costeira / Francisco B. Gomes / Paula Nabais / Alina Iancu
- 2381 **Umas termas debaixo dos vossos pés: o Projeto de Estudo e Valorização do Criptopórtico Romano de Lisboa (CRLx)**
Nuno Mota / Ana Caessa
- 2393 **Arqueologia Urbana no Município de Coimbra**
Sérgio Madeira / Ana Gervásio / Clara Sousa / Joana Garcia / Raquel Santo
- 2407 **A Cidade como ponto de (Re)encontro com o seu território**
Raquel Santos / Ana Gervásio / Clara Sousa / Joana Garcia / Sérgio Madeira
- 2419 **Os antigos sistemas de gestão de água de Coimbra: características formais e estado da arte**
Paulo Morgado / Sónia Filipe
- 2433 **Ecologias da liberdade: materialidades da escravidão e pós-emancipação no mundo atlântico. Um projeto em curso em Portugal e na Guiné-Bissau**
Rui Gomes Coelho / Ana Maria Costa / João Tereso / Maria da Conceição Lopes / Maria da Conceição Freitas / Patrícia Mendes / Rute Arvela / Sandra Gomes / Sara Simões / Sónia Gabriel
- 2441 **Centro Interpretativo do Urbanismo e da História do Crato – Resultados da intervenção arqueológica**
Susana Rodrigues Cosme / Tânia Maria Falcão / Heloísa Valente dos Santos

A ANTIGUIDADE TARDIA NO VALE DO DOURO: O EXEMPLO DE TRÁS DO CASTELO (VALE DE MIR, PEGARINHOS, ALIJÓ)

Tony Silvino¹, Pedro Pereira², Rodolphe Nicot³, Laudine Robin⁴, Yannick Teyssonneyre⁵

RESUMO

A intervenção em Trás do Castelo (Vale de Mir, Pegarinhos, Alijó) permitiu a descoberta do elemento económico de um estabelecimento rural, cujo estatuto continua como indeterminado (*villa*, aglomeração secundária?). A construção inicial data do final do século I da nossa Era, com um primeiro abandono no final do século III. Durante o século IV, o sítio foi re-ocupado, com a construção de novas estruturas, mas também com uma re-ocupação de espaços do Alto Império.

As atividades desenvolvidas estão ligadas à exploração de recursos naturais, como a viti-vinicultura, a cerealicultura, pastorícia, etc. A ocupação tardo-antiga, que dura até ao início do século V, é também marcada pela existência de, pelo menos, cinco depósitos numismáticos. Em 2022, a intervenção realizada permitiu descobrir um conjunto de 1354 peças numismáticas, tanto em níveis de demolição como em níveis de solo. Este conjunto, localizado em três espaços contíguos, estava acompanhado por uma quantidade impressionante de materiais (objetos metálicos, de adorno, cerâmicos, com especial destaque para *dolia*, elementos em vidro, etc). A intervenção de 2023 permitiu enriquecer este conjunto de materiais. No entanto, as razões para este acumular de materiais, muito distintos, num espaço tão limitado, coloca ainda diversas questões.

Palavras-chave: Antiguidade Tardia; Vale do Douro; Moedas; Objetos; Cerâmica.

ABSTRACT

The excavation of Trás do Castelo (Vale de Mir, Pegarinhos, Alijó) has allowed for the discovery of a production area of a rural site, though of an undetermined type. The initial construction dates back to the first century AD, abandoned in the third century AD. During the fourth century the site was once again occupied and new structures were built.

The economical activities present were related to wine making, cereal culture, husbandry, etc. The last occupation, that continues until at least the fifth century, is marked by the presence of at least five clusters of coins. In 2022, a total of 1350 coins were found, in both demolition and ground level contexts. This trove, located through three different areas, was joined by an impressive and diverse group of objects, metallic, ornamental, ceramic (specially *dolia*), glass, etc. The 2023 operation enabled the collection of the remaining materials. Nevertheless, the reasons for this hoarding of very different materials, in such a limited space, still poses a number of questions.

Keywords: Late Antiquity; Douro Valley; Coins; Objects; Ceramics.

1. Service Archéologique de la Ville de Lyon (França), UMR 5138 ArAr e CITCEM / pegaton@yahoo.com

2. CITCEM / pedro.abrunhosa.pereira@gmail.com

3. Eveha International / rodolphe.nicot@eveha.fr

4. Eveha, UMR 5138 ArAr / laudine.robin@eveha.fr

5. Service Archéologique Auvergne-Rhône-Alpes (França) / yannick.teyssonneyre@culture-gouv.fr

1. TRÁS DO CASTELO E O SEU ENQUADRAMENTO

O lugar de Vale de Mir (freguesia de Pegarinhos, concelho de Alijó) (fig. 1) localiza-se numa extremidade de um planalto granítico, próximo da estrada municipal que liga a aldeia de Pegarinhos à Estrada Nacional e ao Itinerário Complementar 5. O «castelo» situa-se a Oeste do núcleo habitado atual. Situa-se numa pequena elevação que se destaca bem da área envolvente, com um altitude relativa de 782 m. As primeiras referências a este sítio remontam ao trabalho do padre Henrique Botelho, que fornece as primeiras referências sistemáticas sobre os castros do concelho de Alijó (Botelho 1986: 266). A segunda referência é de Pedro de Azevedo, que realiza uma recolha dos dados patentes nas memórias paroquiais de 1758 (Azevedo 1901: 106). A partir destas recolhas, o sítio é apenas mencionado em estudos mais amplos, contexto regional ou macro-regional (Silva 1986; Lemos 1993). Atualmente, o sítio encontra-se coberto de pinheiros e giestas na zona mais alta e de campos de cultivo nas zonas baixas, na sua maioria abandonados. Estes trabalhos de agricultura terão, infelizmente, destruído parte dos vestígios edificados, pelo menos na zona da muralha exterior. Trata-se de um habitat de pequenas dimensões, protegido por duas linhas defensivas, onde podemos ainda observar pequenos troços de aparelho construtivo de *opus incertum* em granito. O «castro» ou «castelo» encontra-se numa posição dominante, sobre o Vale do Souto e o rio Tinhela.

2. OS DIVERSOS PROJECTOS (PIOHP E CVTC)

Em 2012 foi aprovado o Projecto de Investigação sobre a Ocupação Humana em torno da aldeia de Pegarinhos, Alijó (PIOHP). O objectivo inicial era o de realizar uma série de sondagens tanto na encosta do Castelo de Vale de Mir como no Castro de Castorigo. No entanto, após a primeira campanha de escavação, foi decidido concentrar esforços no local de Trás do Castelo, tanto pelas questões que levantava como pelo aparente potencial. O PIOHP duraria um total de cinco campanhas de intervenção no terreno. Durante esta primeira intervenção, foi possível descobrir uma série de estruturas, com duas fases principais de ocupação e abandono, relacionadas com um estabelecimento agrícola, com uma série

de cadeias de produção e transformação de matérias primas. A fase de ocupação mais antiga, do Alto Império, foi datada para o final do século I da nossa Era, com um abandono no final do século III. Uma segunda fase, que aparenta ser de reocupação dos espaços anteriores, decorre no século IV d.C. O objectivo primário do projeto *Cella Vinaria* de Trás do Castelo (CVTC) foi o de identificar e estudar a cave ou *cella vinaria* que teria impreterivelmente de estar associada ao lagar descoberto em 2015 em Trás do Castelo. A campanha de 2019 permitiu esclarecer a maioria das questões colocadas. A intervenção centrou-se em torno do espaço identificado como lagar e do grande pátio localizado imediatamente a Este do mesmo. Os dois projectos permitiram identificar duas fases de ocupação distintas. A primeira, enquadrável no Alto Império expande-se em vários conjuntos arquitectónicos ligados à exploração de recursos naturais: vitivinicultura, cerealicultura, pastorícia, trabalho têxtil (provavelmente de linho), etc. Trata-se certamente da parte económica de um estabelecimento de tipo *villa* (ou de um aglomerado secundário), cuja área residencial se encontrará numa área mais próxima da aldeia de Vale de Mir. A segunda fase de ocupação estará ligada a uma reocupação do espaço durante a Antiguidade Tardia (Silvino e Pereira, 2020).

3. A OCUPAÇÃO TARDO-ANTIGA DE TRÁS DO CASTELO

Após o abandono no final do século III, é notória a reocupação dos espaços durante o século IV (fig. 2). A presença humana reflete-se nas novas estruturas que são erguidas em torno ou sobre construções do Alto Império. A Sudeste do sítio, na zona mais baixa, as primeiras sondagens do PIOHP, em 2012, tinham permitido a descoberta de muros associados a solos em terra batida (fig. 3) e uma canalização incipiente. Mais a Norte, foram descobertas outras estruturas com o mesmo tipo de construção (fig. 4).

Numa das zonas superiores da intervenção, um forno, construído reutilizando materiais arquitectónicos, como bases de colunas e mós, foi adossado a uma das estruturas mais antigas. Embora tenha sido possível a recolha de materiais carbonosos, não foi possível determinar a finalidade desta estrutura. A Sul, uma grande estrutura negativa, de tipo fossa, escavada no substrato rochoso, foi coberta com recurso a sedimentos arenosos. Localiza-se num espa-

ço onde foram reutilizados vários elementos em contexto secundário. A função destes diversos elementos não é clara nem, infelizmente, os materiais recolhidos nos seus interiores ou no seu entorno permitem uma explicação simples para a sua funcionalidade. A ocupação tardia também se materializa pela reocupação de espaços. Este fenómeno é visível sobretudo na zona Norte do sítio, mais precisamente em torno do lagar e da cave. Os elementos mais visíveis são as peças cerâmicas, vítreas e, sobretudo, moedas. Na área a Norte do lagar foram identificados cinco pequenos conjuntos, dois no muro entre os espaços 10 e 18, enquanto que os restantes três estavam em diversas zonas do espaço 19, um num muro, os outros dois no solo do espaço e no interior de uma estrutura negativa respetivamente (fig. 2). Estes últimos três conjuntos estavam associados a outros materiais, sobretudo sob a forma de *dolia*, o que poderá apontar para um espaço de armazenamento, estando previstas análises analíticas para determinar os seus conteúdos. A intervenção de 2022 permitiu a descoberta de três espaços contíguos. Estavam cobertos por uma camada de demolição que continha uma grande quantidade de materiais. O espaço 20, é formado por muros grosseiros de blocos graníticos, sem materiais ligantes. O muro a Este foi construído sobre um muro do Alto-Império. São ainda visíveis traços de queima no solo e afloramento, demonstrando possíveis zonas de habitat. Foi também enterrado um dolium na zona Norte da estrutura. Análises analíticas feitas a uma raspagem do seu interior pelo laboratório Nicolas Garnier não identificaram nenhum tipo de produto, podendo tratar-se simplesmente de uma estrutura de acumulação de água. O nível de demolição que cobria esta área tinha uma grande quantidade de material no seu interior: cerâmicas, *dolia*, objecto metálicos, pesos, cossoiros, mas, sobretudo, uma grande quantidade de moedas, sucedendo o mesmo com o nível de solo em terra batida presente sob a camada de demolição. Os outros dois espaços não foram alvo de intervenção completa, tendo sido apenas removida parte da camada de demolição, com uma constituição similar à que cobria o espaço 20.

4. OS ESPAÇOS 20, 21 E 22

4.1. A cerâmicas

O primeiro conjunto de materiais em análise prende-se com as cerâmicas. Dentro do universo de ce-

râmicas finas, as *sigillatas* hispânicas tardias (TSHT) de proveniência do Vale do Douro são maioritárias. As formas identificadas resumem-se a oito taças Hisp. 4 (ou Hisp. 37T) (fig. 5, n.º 1-2). Um exemplar possui vestígios de linhas e de um engobe branco. Foi também identificado um prato do tipo Hisp. 10.6 (Palol 4) (fig. 5, n.º 3). Pela primeira vez, foi identificada a presença de TS tardia Cinzenta (TSBTg) originária de Braga no sítio. É uma produção com uma pasta rica em mica e quartzo revestida com um engobe cinzento mate, comum na Galiza e Noroeste peninsular (Morais, Fernandez, 2014 : 715). A forma identificada é uma taça com um estampilhado em colarinho com uma decoração de “pérolas” (fig. 5, n.º 5). As peças cerâmicas de engobe branco foram também identificadas pela primeira vez no sítio, com fragmentos de um possível jarro (?) (fig. 5, n.º 4) e o fundo de uma pequena peça aberta. Estas produções, também são originárias de *Bracara Augusta* (Delgado e Moraes, 2009 : 57). As cerâmicas cinzentas estão apenas representadas por um pote (fig. 5, n.º 6).

Relativamente às cerâmicas comuns, as produções de pasta clara são mais abundantes, com uma série de formas dominadas pelos potes: pote com lábio oblíquo (fig. 5, n.º 7), pote com lábio evasado, pote com lábio amendoadado vertical. As formas fechadas são completadas por um pequeno cântaro e um jarro cuja origem provável poderá também ser Braga (Delgado e Moraes 2009: 87). Ainda entre estas formas fechadas devemos constatar a presença de um fragmento de pança com colarinho, pertencente a uma forma associada ao mel (Morais, 2011: 154) dos quais pelo menos um tipo é conhecido em Braga (Delgado e Moraes 2009 : 91, n.º 293 a 295) (fig. 5, n.º 9). Entre as formas abertas, contamos um prato de bordo curvo (fig. 5, n.º 8) e uma tigela com lábio aberto. Estão ainda presentes um pote com lábio extravasado em engobe vermelho com decoração de rede (fig. 5, n.º 10). As produções de pasta cinzenta contam com um pote com lábio oblíquo e um segundo com bordo curvo.

Entre os recipientes de armazenamento, de tipo *dolium*, está presente uma grande quantidade de fragmentos. As tipologias identificadas no decurso do estudo destes materiais são as patentes na tipologia lusitana (Quaresma *et al.* 2023). Num dos casos, sendo uma peça que se encontra nesta tipologia para o mundo romano pleno, foi utilizada a tipologia criada para os recipientes de tipo *dolium* e talha do Sabor (Baez *et al.* 2016). No caso do espaço 20, foram identificados um número total de fragmentos (NTF)

de 155. No conjunto contabilizam-se três fragmentos de bordo e nove fragmentos de fundos. O NMI total é 6 indivíduos, possuindo todos pastas claras. Neste caso, a peça de tipo T.AI-3, já identificado na zona do Vale do Sabor (Baez *et al.* 2016), é um tipo de produção que aparenta datar do século I da nossa Era, sendo conhecido em vários sítios arqueológicos do Noroeste peninsular, como *Bracara Augusta* e *Lucus Augusti*, sendo uma tipologia marcadamente indígena mas de transição para a romanização plena. Na área do espaço 21 foi identificado um NTF de 284. Este número contempla 13 fragmentos de bordo, todos pertencentes ao tipo Lusitano 2, 3 asas e 4 fragmentos de fundos. O NMI deste conjunto é de 8 peças. A totalidade dos fragmentos apresenta uma coloração clara e uma grande quantidade de elementos desgordurantes, sobretudo sob a forma de quartzo e micas, muito mais grosseiros do que as peças identificadas nas restantes zonas onde se realizaram intervenções. Na unidade 233, no mesmo espaço, foram ainda recolhidos 37 fragmentos de *dolia*, dos quais se destacam um fragmento de bordo do tipo Lusitano 2, um fragmento de asa e um fragmento de fundo. Também patente no mesmo espaço, foi identificado um NTF de 110, contabilizando-se neste número três fragmentos de fundo. Uma parte dos fragmentos possuem resíduos de pez visíveis na zona interior das peças. Finalmente, é possível discernir padrões decorativos, sob a forma de faixas com uma linha interna única, ondulada, e fragmentos com inscrições *ante cocturam*, nomeadamente “AD...” e “A...”.

4.2. O Vidro

A intervenção permitiu ainda a identificação de um pequeno conjunto de vidros. No total, foram recolhidos 20 fragmentos, dos quais apenas são perceptíveis três formas. O primeiro exemplar consiste num fundo anular formado por um preenchimento de vidro, que estará certamente associado a uma produção do Alto Império. A identificação tipológica é incerta, impedindo precisão cronológica. O segundo elemento trata-se de uma taça campaniforme. Com um bordo oblíquo ligeiramente arredondado e um bojo tronco-cónico, dotado de um fio decorativo ao longo da parede, de coloração verde-azeitona. Esta tipologia é bem conhecida na Lusitânia, sobretudo no Noroeste peninsular. Podemos citar aqui o trabalho de M. da Cruz que identificou inúmeros elementos em Vigo, Corunha, Astúrias, e, mais precisamente,

Braga (Cruz, 2009: 159-175). A sua difusão situa-se entre a segunda metade do século IV e o século VI. Podemos também citar os elementos da *villa* de São Cucufate, entre meados do século IV e meados do século V (Nolen, 1988 : n° 118 a 120). Recentemente foram identificados uma série de elementos deste tipo em Vale do Mouro, Coriscada, num contexto do final do século IV da nossa Era (Robin no prelo ; Silvino *et al.* 2022). Estas taças eram produzidas no Noroeste português, como se pode observar no atelier dos CTT em Braga (Cruz, 2011; Cruz, 2012: 43, n° 5 a 10, fig. 3). É também possível que outros ateliers do mesmo período, no mesmo território, tenham produzido estas peças entre o final do século IV e século V (Cruz 2009 : 161). Finalmente, um terceiro objecto não é de tipologia determinável. Trata-se de um fundo sem pé, puxado em ponta, tendo um ligeiro ressaltito. Tal como o primeiro elemento que descrevemos aqui, a sua tipologia exata é incerta. No entanto, a coloração verde-azeitona permite que se enquadre cronologicamente na Antiguidade Tardia. Este tipo de fundo surge em certas peças de panela piriforme, cilíndrica ou prismática ou taças.

4.3. O *instrumentum*

O *instrumentum* presente demonstra uma predominância do domínio económico. As peças da Antiguidade Tardia predominam oferecendo um panorama interessante, onde predominam as atividades têxteis, metalúrgicas, comerciais e, em menor escala, ainda que frequente para esta atividade, a pastorícia. Os materiais de adorno, domésticos e aqueles ligados ao imobiliário, continuam a demonstrar a imagem de um estabelecimento agrícola de altitude que reflete bem o mundo romano. A vertente económica está bem ilustrada pelos materiais ligados à atividade de têxtil.

Os dados desta intervenção permitiram identificar, através da presença de pesos de dimensões clássicas e de pequenos pesos, ligados a produções de tecidos de fio médio e fino, em contraste com os pesos descobertos no decurso do PIOHP e do CVTC, quando se detetaram pesos de maiores dimensões, associados a fibras mais densas e pesadas (fig. 6), sendo possível entrever uma atividade têxtil rica no sítio. Estas constantes apontam claramente para uma produção em escala. Paralelamente, os vários cossoiros descobertos apontam também para uma atividade de fiação (fig. 6). Finalmente, esta atividade estaria certamente ligada à pastorícia. Neste contexto,

devemos recordar o aparecimento do chocalho no espaço 19 em 2021, tal como o chocalho de grandes dimensões que apareceu em 2022 (fig. 7). Estas peças ilustram dois tipos de gado, ovino e bovino. Estes elementos apontam para a presença importante de animais, ainda que as modalidades de produção e utilização dos mesmos ainda nos sejam complexas a definir. No entanto, os chocalhos apontam para a possível presença de animais de reprodução ou os quais fosse necessário isolar. Devemos ainda assinalar a presença de uma faca, aparentemente utilizada para abate de animais (fig. 8), o que contextualiza esta presença de animais no sítio para consumo.

No conjunto de materiais ligados à metalurgia, devemos assinalar os dois pequenos fragmentos dobrados e martelados onde se podem observar marcas de corte, sinal de uma reutilização, tal como o fragmento disforme em liga de cobre do espaço 21 demonstra. Este último objecto constitui um testemunho discreto de uma possível produção de pequenos objetos, ligados à reutilização de ligas metálicas. Finalmente, o fragmento de pinça de forja, e mesmo as pedras de amolar, integram-se perfeitamente nesta atividade metalúrgica. Os materiais que descrevemos poderão também estar ligados aos elementos de balança detetados no sítio, ainda que os pesos da mesma não pudessem ultrapassar os 900 g. (fig. 7). Ainda que fosse possível uma outra utilização deste tipo de peça, de uma forma ou de outra, é um elemento que denuncia a presença de uma atividade mercantil.

Os elementos de adorno ampliam esta reflexão. Com a exceção de um pendente fragmentário, encontram-se ilustrados sobretudo por contas de bracelete ou colar que se repartem de forma homogénea entre os espaços 20 e 21. Foram identificadas dois tipos de cores, escura a castanha (5 objetos), e azuis (3 objetos). A presença destas cores, tal como a variedade morfológica de contas presentes, apontam, como vimos, à época de ouro deste tipo de elementos neste período na Europa continental. A sua presença em *Trás do Castelo* assinala também a presença de indivíduos ligados a modas observáveis em diversos centros urbanos do Império Romano. A presença de elementos de móveis (cinta de reforço e punho) e a asa de situla apontam no mesmo sentido. Paralelamente, os materiais ligados às ferragens apontam para portas de grandes envergadura, tais como as chaves (fig. 8) e o pitão de fixação.

5. O ESPÓLIO NUMISMÁTICO

As intervenções no sítio de *Trás do Castelo* nos últimos anos foram extremamente prolíficas relativamente ao material numismático. Em 2022 foram identificados um total de 1354 exemplares. A cronologia do conjunto estende-se desde o reino de Tibério até ao final do século IV, com uma moeda de Arcadius. A grande maioria do conjunto, cerca de 99%, corresponde aos espaços 20, 21 e 22. O estudo aqui desenvolvido não pretende ser exaustivo: um trabalho mais denso deverá ser empreendido posteriormente, quando os espaços tiverem sido escavados na sua integralidade. Nesta ótica, iremos enumerar e descrever rapidamente os diferentes conjuntos numismáticos que foram identificados no decurso das intervenções em *Trás do Castelo*.

Dada a quantidade de material monetário descoberta e o carácter incompleto do conjunto, tendo em conta que a zona não foi escavada até ao nível de solo, não foi possível terminar este estudo. Paralelamente, a maioria das peças não permitem leitura imediata e necessitam de um trabalho, moroso, de limpeza.

Foi possível realizar a limpeza de um total de 693 unidades: através da limpeza com um palito em bambu, foi possível remover sedimento suficiente para obter leitura na maior parte dos casos. Em algumas moedas, tendo em conta o nível de incrustação, foi necessária a limpeza com recurso a uma escova. Ainda que estas limpezas não alterem o estado do metal, a maioria dos numismas encontra-se num estado extremamente frágil. Com o objectivo de evitar ao máximo alterações nas peças, as moedas foram posteriormente colocadas em bolsas em papel *acid-free*. No total, ainda serão tratadas cerca de outras 1200 moedas, uma vez que ainda não foi possível realizar uma observação detalhada de todos os materiais e poderão existir peças coladas entre elas.

Foi dada prioridade às moedas provindas de níveis de revolvimento, constituídas por um pequeno conjunto de três moedas em bronze do século II e um pequeno depósito de numismas, descoberto na mesma área onde foi recolhido o conjunto. Este é composto maioritariamente por moedas de imitação de numismas constantinianos e, em menor quantidades, valentinianos. É interessante observar que entre os numismas de imitação surgem ainda peças de produção oficial.

No espaço 20, foram recolhidas três moedas em bronze do Alto Império: dois sestércios de Adriano e um

as, cuja identificação formal não foi possível devido ao seu estado de degradação. O maior exemplar é o único que podemos datar com precisão (136 da nossa Era) devido ao seu reverso, com o *adventus* imperial. Apenas o nome da província visitada por Adriano nos escapa, devido ao estado de corrosão dos relevos. É complexo determinar a natureza exata deste pequeno depósito: poderá tratar-se de um pequeno conjunto dissimulado num muro, entretanto caído? Poderia tratar-se de uma reserva de material metálico? Com os dados que possuímos, não é viável avançar com nenhuma hipótese concreta. Paralelamente, como referimos anteriormente, este tipo de bronzes do Alto Império continuaram a sua vida útil na economia agrária durante um período muito longo. Estes espaços constituem o ponto central para o estudo do material monetário de *Trás do Castelo*. Todo o perímetro foi alvo de decapagem, mas foi apenas possível realizar uma intervenção parcial: foi aqui que a maioria do espólio numismático foi descoberto.

No decurso da intervenção, numa pequena área com cerca de trinta centímetro quadrados, foram recolhidos seis *nummi* em 2022. Este conjunto é composto por uma moeda de 1/32 avos de libra de Maximiano Hércules, proveniente do atelier balcânico da Cisica. Trata-se da peça mais antiga. Esta moeda em liga de bronze e prata foi criada no decurso da reforma do sistema monetário de Dioclesiano, em 294. Este tipo de peça é pouco comum em contexto de escavação, uma vez que eram muito frequentemente alvo de entesouramento: são extremamente comuns em tesouros datados do final do século III e início do século IV da nossa Era.

No conjunto estão presentes também quatro *nummi* de 1/72 avos de libra de Constantino I (3 exemplares) e de Licínio I (1 exemplar). Provêm das oficinas ocidentais de Londres (2 exemplares), Roma (1 exemplar) e Arles (1 exemplar); a *Moneta* do Latium é a única cunhada com o nome de um imperador oriental. Finalmente, a moeda mais recente deste pequeno depósito trata-se de um *nummus* de 1/96 avos de libra de Constantino II, cunhada em Roma em 321, com o reverso CAESARVM NOSTRORVM/VOT/V. Estamos perante um depósito enterrado neste espaço, muito próximo de um grande conjunto de peças de imitação. Em 2023 foi possível compreender que estas moedas estavam depositadas em conjunto com outras peças de imitação.

A maioria do material numismático foi descoberto a Norte do espaço 20, nas camadas superiores do espa-

ço 21. A intervenção do *dolium de fossa* (F132) e a área no seu entorno permitiu a identificação de uma grande quantidade de material monetário. Foi tomada a decisão imediata de crivar com crivo de malha fina todos os sedimentos removidos. Com esta decisão, foi possível recolher muitas moedas que devido tanto ao seu tamanho como pelo sedimento que as cobria, que não teriam sido vistas durante a intervenção.

O total desta recolha conta com cerca de 1800 unidades (neste número incluímos os fragmentos de moedas). A maioria dos numismas encontravam-se no mesmo nível de solo enquanto que outras estavam localizadas no nível de demolição que cobria o nível de circulação. Trata-se de uma anomalia que não conseguimos explicar através de fenómenos naturais (desenvolvimento vegetal, perturbações de animais, etc...). A presença de um nível superior ou uma estrutura em materiais perecíveis que, ao cair, tenha misturado as moedas, é a hipótese mais coerente. Paralelamente, ainda não foi possível confirmar esta teoria, embora seja a que faria mais sentido.

Tomamos em consideração as 684 moedas limpas (outras cerca de 1200 serão limpas e estudadas numa fase posterior). Foram inicialmente alvo de uma triagem: as moedas procedentes de ateliers de cunhagem oficial foram agrupadas num conjunto¹; as moedas de imitação foram ordenadas de acordo com a sua cronologia (de acordo com as cunhagens oficiais que imitam), e mais tarde serão alvo de um estudo mais exaustivo. Assim, pelo menos dez reversos pertencem a cunhagens da dinastia constantiniana e cinco a cunhagens valentinianas; os reversos *VOTA*, podem pertencer a qualquer uma destas séries de cunhagens (no entanto, duas das moedas possuem o nome de Constâncio II).

Entre as peças de imitação, os reversos do período 320-361 são os mais comuns. Os dois tipos mais reproduzidos são imitações de produções entre 341 e 361, sobretudo o reverso com duas Vitórias VICTORIAE DD AVGG Q NN (98 exemplares) e o do cavaleiro em queda FEL TEMP REPARATIO (maioritária, com 142 exemplares). A presença de 52 exemplares do tipo SPES REIPUBLICAE (355-361) reforça a impressão de que a maioria das moedas de imitação foram buscar inspiração a peças de Constâncio II. As imitações que permitem leitura são, maioritariamente, de produções das oficinas ocidentais de Trêves e Arles.

Com 21 exemplares, as moedas da dinastia de Valentiniano aparentam ser menos reproduzidas do que

as do período constantiniano, que conta com 385 exemplares. Perante esta grande quantidade de imitações, as moedas produzidas em ateliers imperiais representam uma quantidade ínfima, com 38 numismas. Um lote de 84 peças foi classificado como «incertas» devido a dúvidas sobre se as mesmas poderiam fazer parte do lote de oficiais ou imitações. As oficinas representadas neste conjunto são pouco representativas uma vez que as moedas foram selecionadas pelos seus reversos e segundo o seu estado geral de conservação. Assim, temos produções de ateliers ocidentais, Trêves, Lyon e Roma (7 ex.), às quais se juntam produções orientais de Nicomedia, Císica e Antioquia (5 ex.).

Em 2022, o facto de se ter descoberto uma quantidade tão grande de numário colocou imediatamente uma série de questões, às quais esperávamos poder dar resposta num futuro próximo, após a conclusão da fase de escavação da área onde as mesmas foram descobertas. A presença de uma moeda oficial de Arcadius permite supor que este depósito datará, no mínimo, de um período entre o final do século IV e início do século V. Todavia, poderá ser mais tardio, quando as mesmas já não seriam utilizadas, entre os séculos V e VI?

O sítio de *Trás do Castelo* poderá ter sido um centro de produção de moeda não oficial no final da Antiguidade? Os indícios desta atividade não foram ainda descobertos, como por exemplo pela presença de flancos metálicos virgens, como seria comum num local deste género (Pilon 2016: 132-145). No entanto, a não descoberta deste tipo de materiais coloca também outras questões.

O conjunto de moedas recuperado na intervenção de 2022 é inegavelmente importante. No entanto, devemos referir a descoberta de outros cinco pequenos depósitos, com perfis similares, em 2015 (conjuntos 1 e 2, Nicot 2021: 277-302) e 2021 (conjuntos 3 a 5, Nicot 2021: 83-97) e para os quais ainda não conseguimos encontrar uma explicação fiável relativamente à sua constituição e para a razão para a sua ocultação (em muros ou em buracos). O facto mais curioso prende-se com as suas quantidades: 22, 33, 5, 10 e 7 moedas, essencialmente imitações com alguns raros casos de espécimen oficiais. Estes conjuntos praticamente não possuíam algum valor. Qual seria o interesse de esconder estas pequenas quantidades de numário tendo em conta a quantidade de moedas descobertas este ano, numa zona muito próxima?

Ao mesmo tempo, foram descobertos vários arte-

factos ligados à produção de metais nos mesmos espaços onde surgiram as moedas: uma pinça de forja, uma balança, pedras de amolar, fragmentos de bronze e lingotes. Poderia ser este depósito de moedas simplesmente uma reserva de matéria prima para uma forja próxima?

Em 2023, a intervenção não forneceu materiais que permitam identificar produção de moedas na zona de *Trás do Castelo*. Paralelamente, não foram descobertos elementos que atribuam à zona em questão um foco de recuperação e reciclagem de materiais metálicos, hipóteses que haviam sido colocadas em 2022.

Neste momento, tendo em conta as descobertas de 2023, poderemos estar perante um local com alguma evocação “ritual”, com a presença de três lucernas (duas das quais completas) e conjuntos monetários muito localizados, nos espaços 21a e 21b. Neste último foram identificados e recolhidos seis conjuntos distintos. O terceiro lote destes conjuntos, mais importante quantitativamente do que os restantes, estava inserido numa peça cerâmica, uma *terra sigillata* hispânica tardia, completa, mas fragmentada. Os restantes lotes são ainda de difícil explicação, mas o facto de se tratarem de conjuntos relativamente pouco expressivos leva a considerar a hipótese de se poder tratar de peças com um objectivo donativo, num contexto ritual? No entanto, é ainda necessário um trabalho amplo de estudo dos materiais provenientes de *Trás do Castelo*, tal como o término da intervenção dos restantes espaços próximos, para podermos definir uma quadro mais coerente para estes depósitos e o seu contexto. Encontrar paralelos em Portugal para este caso será complexo. O trabalho minucioso de N. Conejo Delgado para a sua tese sobre a parte meridional da Lusitânia (Delgado, 2019) certamente poderá ajudar-nos a encontrar paralelos para processos de entesouramento no Vale do Douro durante a Antiguidade e a Idade Média.

6. CONCLUSÕES E PERSPECTIVAS

A intervenção de 2022 permitiu documentar melhor a ocupação tardia do habitat do sítio, sobretudo através da descoberta de estruturas que foram adossadas a edifícios do Alto Império. É o caso dos espaços 20, 21 e 22, com a construção de novas estruturas em áreas mais antigas. Embora estes espaços não tenham sido integralmente alvo de intervenção, a escavação permitiu conhecer parte das suas plan-

tas, das construções que os delimitam e descobrir um lote material importante, sobretudo de numismas. As intervenções no âmbito tanto do PIOHP e do CVTC já haviam permitido a descoberta de cinco pequenos depósitos monetários em Trás do Castelo, nos espaços 18 e 19, publicados parcialmente (Nicot 2021), mas a descoberta desta massa metálica num espaço tão pequeno é relativamente rara no Vale do Douro, mesmo nesta zona da Península Ibérica, sobretudo em contexto de intervenção arqueológica. O único elemento de comparação que possuímos é o de *Vale do Mouro*, Coriscada (Mêda) onde um depósito de 4566 moedas foi descoberto, associado a um conjunto de materiais em ferro (Coixão 2018: 271-273). No entanto, este depósito foi descoberto num contexto de depósito, num saco em fibras vegetais e animais, e não disperso como caso de Trás do Castelo. A presença de um lote de materiais metálicos não negligenciável deve também ser referido, onde se contam materiais relevantes para a história económica rural do sítio. A sua presença e concentração levantam outras questões, tais como a de poder tratar-se de um atelier de reciclagem, algo comum neste período e relativamente corrente no mundo romano. Finalmente, foi possível determinar com maior segurança o período de abandono do sítio, início do século V da nossa Era, devido tanto às datações das moedas tal como da presença de cerâmicas de importação, nomeadamente de Braga, confirmando as relações entre o Vale do Douro e esta cidade que, neste momento, era capital de uma província eclesiástica. A campanha de 2023 permitiu a descoberta de novos elementos para uma reflexão relativamente à natureza (ou diversas realidades) da ocupação tardo-antiga do sítio. Embora tenha sido levantada a possibilidade de as últimas áreas intervencionadas (espaços 20 a 22) estarem ligadas a um atelier de reciclagem de materiais, os indícios poderão apontar para um local de culto. Esperamos, em breve, ter novos dados para abordar estas questões.

BIBLIOGRAFIA

AZEVEDO, Pedro A. de (1901) – Extractos archeológicos das Memórias Parochiais de 1758. In *O Archeologo Portugues*. 1a série. Volume VI, pp. 103-121.

BAEZ, Beatriz, BATALLA, Luísa, CARVALHO, Liliana, GARCIA VILLANUEVA, Isabel, LARRAZABAL, Javier, ROSSELO, Miquel e SANTOS, Constança (2016) – *Recipientes de Armazenamento no vale do Baixo Sabor (Portugal), da época romana à antiguidade tardia. Ensaio cronotipológico*. In: JÁR-

REGA, Ramon e BERNI, Piero (editores) – *Actas del segundo congreso de la SECAH*. Tarragona, pp. 898-917.

BOTELHO, Henrique (1896) – Antas e castros do concelho de Alijó. In: *O Arqueólogo Português*, I Série, 2, Lisboa, 1896, pp. 264-266.

COIXÃO, António Nascimento de Sá (2018) – *A romanização no baixo Côa, Dissertação de doutoramento*. Ed. da Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa.

CRUZ, Mário da (2009) – *O Vidro Romano no Noroeste Peninsular, Um Olhar a partir de Bracara Augusta*, Tese de doutoramento, Université de Minho.

CRUZ, Mário da (2011) – Fragmentos de vidro, fragmentos da memória. Aproximação à actividade vidreira em *Bracara Augusta*. In: *CEM, Cultura Espaço et Memória*, nº 2, CITCEM, Braga, pp. 83-94.

CRUZ, Mário da (2012) – *L'atelier des CTT à Bracara Augusta (Braga, Portugal). Nouveau regard sur la production verrière du nord-ouest hispanique* », *Bull. Afav*, pp. 40-44.

DELGADO, Manuela, MORAIS, Rui (2009) – *Guia das cerâmicas de produção local de Bracara Augusta*, Porto.

CONEJO DELGADO, Noé (2019) – *Economía monetaria de las áreas rurales de la Lusitania romana*. Tese de doutoramento defendida na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Policopiada.

MORAIS, Rui (2011) – A rota atlântica do mel bético e os contextos de autarcia: vasa *mellaria* e colmeias em cerâmica. In GONZALEZ AMADO, Susana (dir.), *La ceramica en Galicia de los castros a Sargadelos*, actas del XIV congreso Anual, Asociacion de ceramologia, del 2 a 4 de octubre de 2009, Museo dos oleiros, Santra Cruz, Oleiros, A Coruna, pp. 73-86.

LEMOES, Francisco Sande (1993) – *Povoamento Romano em Trás-os-Montes Oriental*, Tese de doutoramento na especialidade de Pré-História e História da Antiguidade, apresentada à Universidade do Minho. Policopiada.

NICOT, Rodolphe (2021) – Deux dépôts tardo-antiques de la vallée du Douro: Vale de Mir (Pegarinhos, Alijo). Etude préliminaire. In: NALDINHO, Sandra; SILVINO, Tony, *Estudos em Homenagem ao Doutor Antonio do Nascimento Sa Coixão*, Vila Nova de Foz Côa, pp. 277-302.

NOLEN, Jeanette (1988) – Vidros de São Cucufate. In: *Conimbriga*, XXVII, pp. 5-59.

QUARESMA, José, PEREIRA, Pedro e BOMBICO, Sónia (no prelo) – *Dolia ex Lusitania*. In *Actas del congreso internacional Dolia ex Hispania*.

PILON, Fabien (2016) – *L'atelier monétaire de Châteaubateau – Officines et monnayages d'imitation du III^e siècle dans le nord-ouest de l'Empire*. Gallia, 63^e supplement.

ROBIN, Laudine (no prelo) – Nouvelles données sur le mobilier en verre antique du nord-est du Portugal. In: *Annales du 22^{ème} congrès de l'Association Internationale pour l'Histoire du Verre*, Lisbon-Portugal.

SILVA, Armando Coelho (1986) – *A Cultura Castreja*, Porto.

SILVINO, Tony e PEREIRA, Pedro (2020) – Trás do castelo (Vale de Mir, Pegarinhos, Alijó) – uma exploração agrícola romana do Douro. In: *Arqueologia em Portugal. 2020 – Estado da questão*, Associação dos Arqueólogos Portugueses e CITCEM, Lisboa, pp. 1243-1254.

SILVINO, Tony, ROBIN, Laudine, NICOT, Rodolphe, PEREIRA, Pedro, SA COIXAO, Antonio (2022) – Le mobilier en contexte: l'exemple de la vallée du Douro (fin Ier s. apr. J.-C. – début Ve s.). In: *Ex officina hispana – Cuadernos de la SECAH*, n° 5, pp. 35-70.



Figura 1 – Localização de Trás do Castelo (Vale de Mir, Pegarinhos, Alijó).

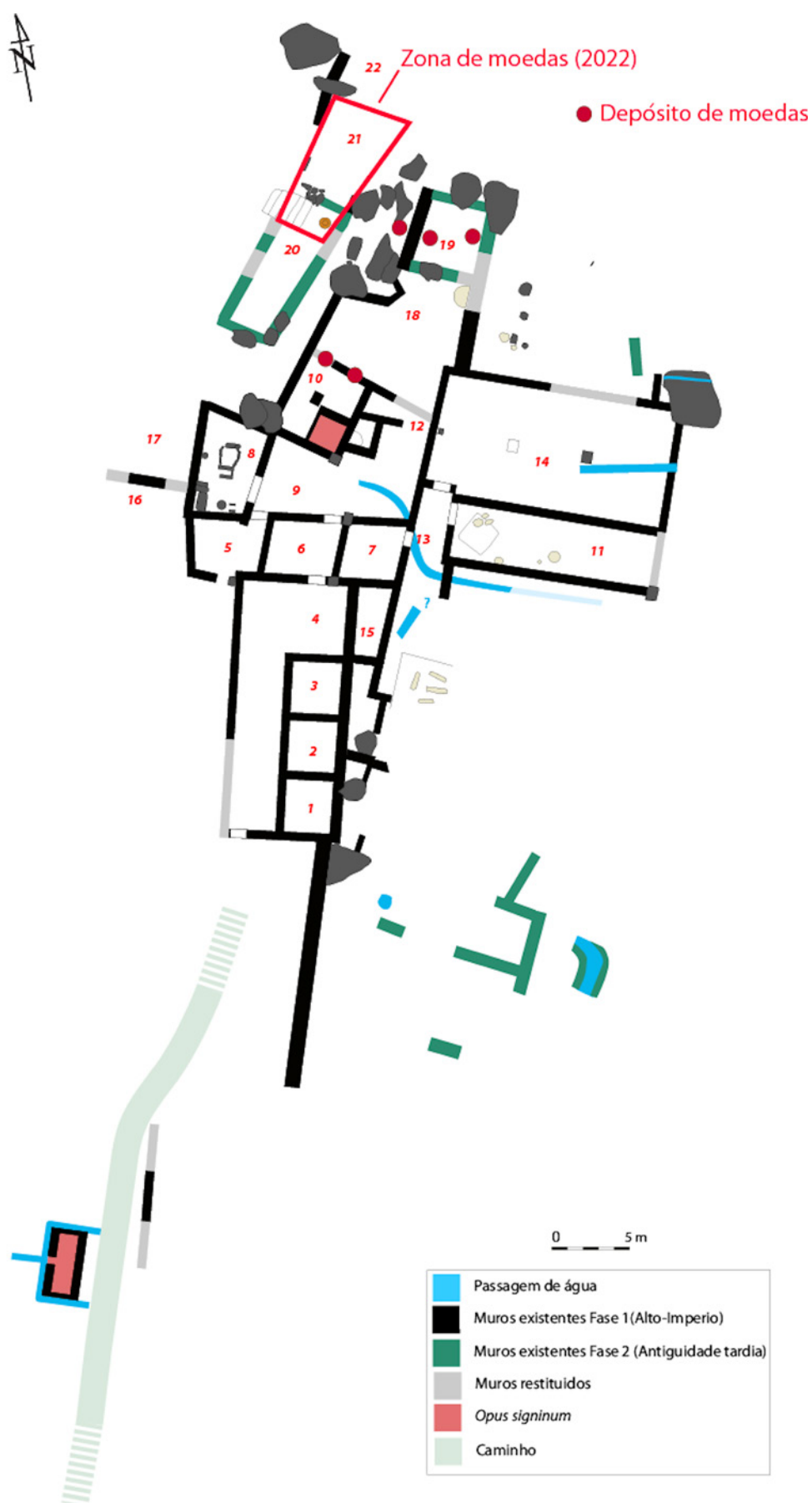


Figura 2 – Plano geral dos vestígios do sítio, com as duas fases de ocupação e a localização das descobertas monetárias.



Figura 3 – Testemunhos da ocupação da Antiguidade Tardia (intervenção PIOHP 2012).



Figura 4 – Estrutura tardo-antiga na zona Norte do sítio.

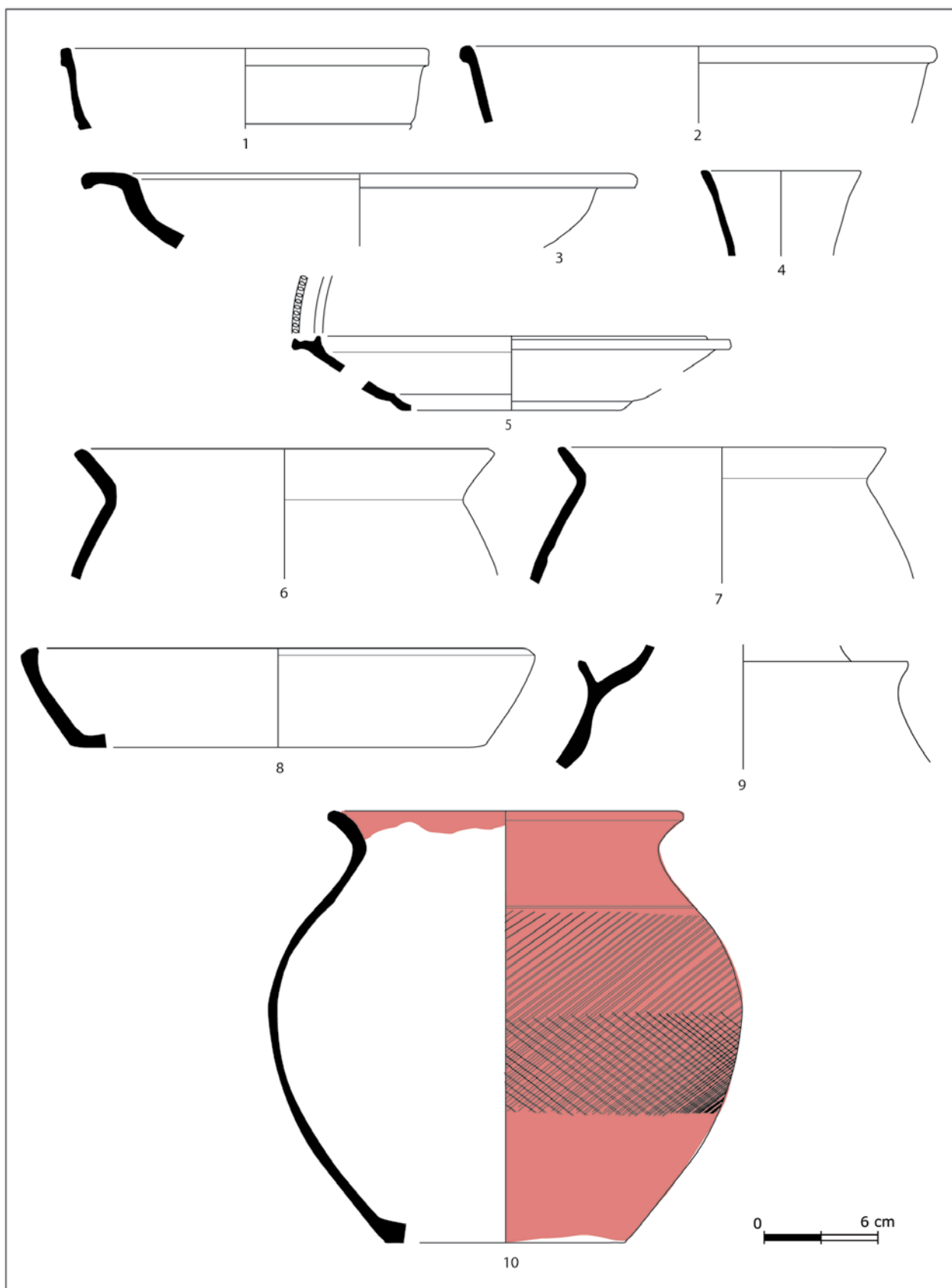


Figura 5 – Conjunto de cerâmicas procedentes dos espaços 20 e 21.

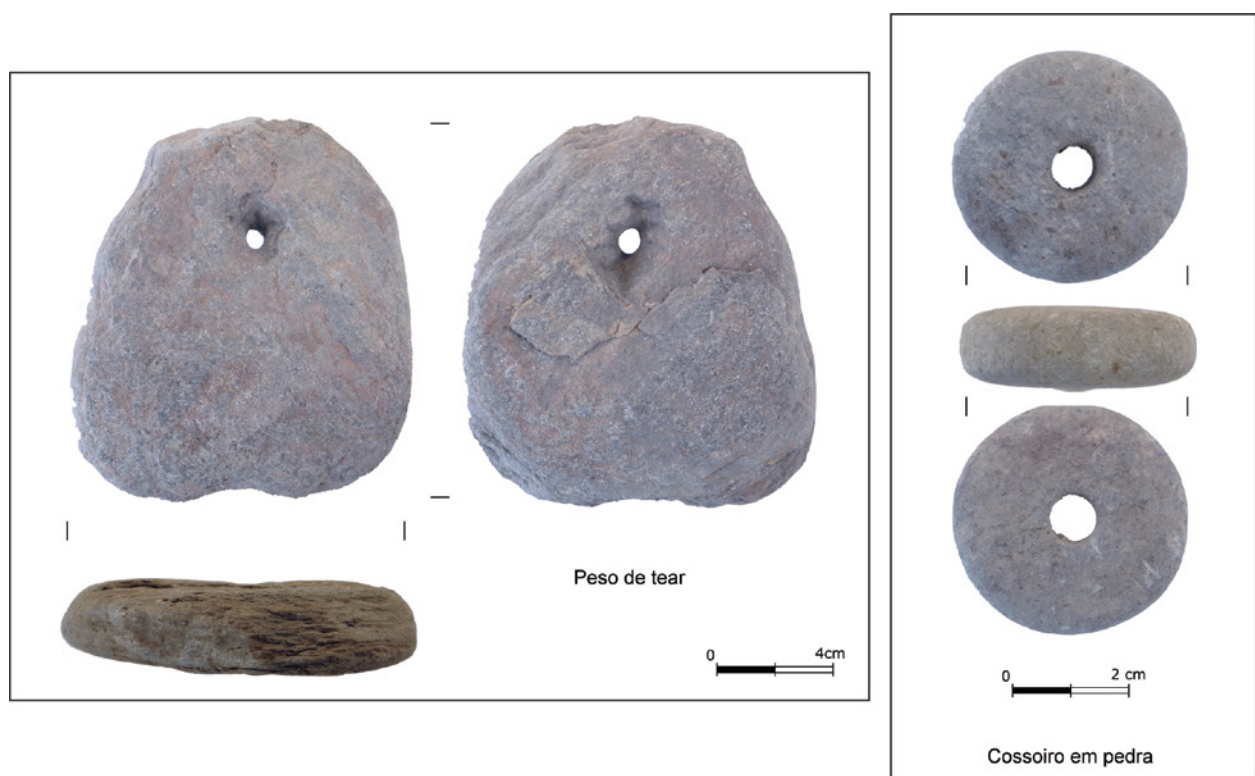


Figura 6 – Peso de tear e cossoiro.

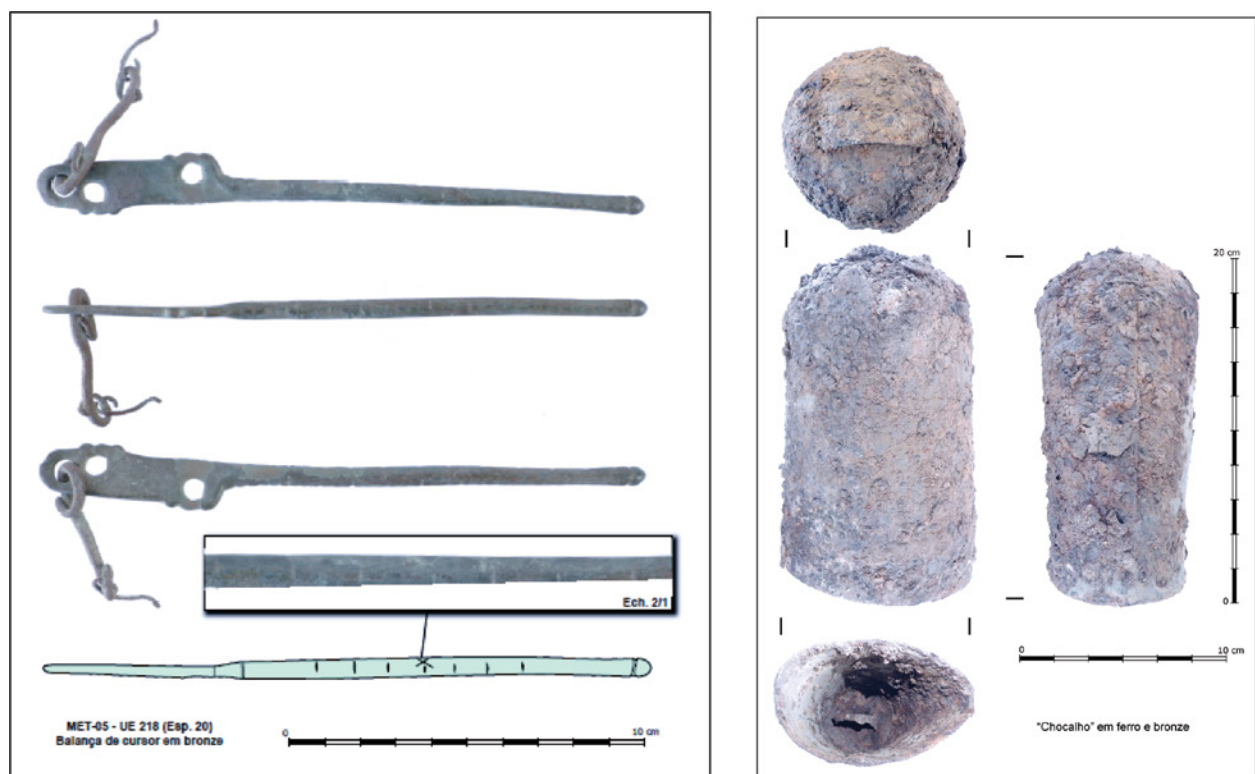


Figura 7 – Balança e chocalho.



Figura 8 – Faca e chaves em ferro.



Figura 9 – Lote de moedas durante a intervenção, em solo de terra batida, no espaço 20.



AAP
ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

MAC
MUSEU
ARQUEOLÓGICO
DO CARMO

 **REPÚBLICA
PORTUGUESA
CULTURA**

1 2 9 0 

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE D
COIMBRA


INSTITUTO
ARQUEOLÓGICO
DIREÇÃO - ESCOLA DE LETRAS - UE
PALÁCIO DE SUB-RIPIAS


**CENTRO DE
ESTUDOS INTERDISCIPLINARES**
CEIS30 | Universidade de Coimbra

 **Centro de Estudos
em Arqueologia
Artes
e Ciências do Património**
UI&D 281

fct
Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia
UIDB/0046/2020

Apoio Institucional:

**PATRIMÓNIO
CULTURAL**
Departamento do Património Cultural

 **MUSEU NACIONAL
DE MACHADO DE CASTRO**

Coimbra

 **seminário
maior de coimbra**